

A VIDA TEM PREÇO? UMA EXPERIÊNCIA DE SENSIBILIZAÇÃO SOBRE O TRÁFICO DE ANIMAIS SILVESTRES

Stefany Almeida da Silva¹

Italo Brasileiro Silva²

João Paulo Santos Medeiros³

Mariane Amorim Rocha⁴

Ricardo Evangelista Fraga⁵

Márcio Borba da Silva⁶

Resumo: Este trabalho relata ações de educação ambiental desenvolvidas por meio da exposição itinerante “Tráfico de animais silvestres: A vida tem um preço?”. A iniciativa utilizou exemplares taxidermizados e glicerinados, dioramas e recursos visuais que ilustram o tráfico ilegal de fauna, bem como as condições de transporte e cativeiro. Com uma abordagem sensível, a atividade buscou estimular a empatia e a reflexão crítica sobre a temática. Aproximadamente 1.709 pessoas foram impactadas, de crianças a idosos, e relataram sentimentos como tristeza, empatia e indignação. Os resultados indicam que a dimensão sensível constitui uma ferramenta poderosa na promoção de experiências educativas significativas, contribuindo para a sensibilização ambiental, a adoção de práticas sustentáveis e o enfrentamento do tráfico de animais silvestres.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Educação Sensível; Fauna Silvestre; Exposição Itinerante; Comércio ilegal de fauna.

¹ Universidade Federal da Bahia. E-mail: stefanyalmeidaster@gmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8310349433141332>.

² Universidade Federal da Bahia. E-mail: italobrasileirosilva@gmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5842598711486372>.

³ Universidade Federal da Bahia. E-mail: joaodcmedeiros12@gmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9347560111106066>.

⁴ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: anee.bio@hotmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1469164334286724>.

⁵ Universidade Federal da Bahia. E-mail: ricardoefraga@hotmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2598059835340946>.

⁶ Universidade Federal da Bahia. E-mail: biolmarcioborba@gmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6566974818526539>.

Abstract: This paper reports environmental education actions carried out through the traveling exhibition “Wildlife Trafficking: Does Life Have a Price?”. The proposal utilized taxidermied and glycerinated materials, dioramas, and graphic resources depicting illegal trafficking, transportation, and captivity conditions. Based on sensitive approaches, the action aimed to evoke empathy and critical reflection on the issue. Approximately 1,709 individuals, ranging from children to the elderly, were impacted, eliciting emotions such as sadness, empathy, and indignation. It is concluded that the sensitive dimension is a powerful tool in constructing meaningful educational experiences, promoting sustainable practices, and combating wildlife trafficking.

Keywords: Environmental Education; Sensitive Education; Wildlife; Traveling Exhibition; Illegal wildlife trade.

Introdução

O Brasil possui a maior diversidade de espécies do planeta, distribuídas entre seus seis biomas. Dentre eles, destacam-se o Cerrado, situado na região central do país, e a Mata Atlântica, que se estende ao longo do litoral. Ambos são reconhecidos como “hotspots” mundiais de biodiversidade, devido à elevada riqueza biológica e ao alto grau de endemismo (Brasil, 2025). No entanto, essas regiões encontram-se sob intensa ameaça: estima-se que o Cerrado já tenha perdido cerca de 51% de sua vegetação nativa, enquanto a Mata Atlântica conserva apenas 9% de sua cobertura original (Charity & Ferreira, 2020).

A elevada biodiversidade e o notável grau de endemismo presentes no território brasileiro, reconhecidos internacionalmente, atribuem ao país uma responsabilidade ampliada na preservação de sua rica biota e dos ecossistemas associados. Essa responsabilidade abrange tanto o enfrentamento ao tráfico de animais silvestres, configurado como crime ambiental, conforme o inciso III do artigo 29 da Lei nº 9.605/1998, que proíbe a venda, exportação, aquisição, manutenção em cativeiro ou transporte de espécimes da fauna silvestre, incluindo ovos e larvas de espécimes da fauna silvestre, sem autorização legal, quanto a promoção de ações de educação ambiental voltadas à sensibilização da sociedade (Brasil, 1998). Essas ações são fundamentais para fomentar uma consciência crítica e colaborativa na conservação da fauna silvestre brasileira.

Estima-se que, a cada ano, aproximadamente 38 milhões de animais sejam retirados da natureza no Brasil, alimentando o tráfico ilegal de fauna silvestre (Renctas, 2011). No estado da Bahia, Santos et al. (2021) analisaram dados referentes ao recebimento e/ou armazenamento de animais silvestres nos Centros de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), entre os anos de 2009 e 2019. Nesse intervalo, o município de Vitória da Conquista, local do presente estudo, registrou o segundo maior número de espécimes recebidos no estado, totalizando 34.460 indivíduos, atrás apenas de Salvador (43.874) e à frente de

Porto Seguro (19.317). A distribuição geral em todos os CETAS baianos por classe taxonômica evidenciou o predomínio de aves, com 80.948 indivíduos (82,90%), seguidas por répteis (12.007; 12,30%), mamíferos (4.661; 4,77%) e aracnídeos (35 indivíduos; 0,035%). A análise também indicou a BR-116, rodovia que atravessa Vitória da Conquista, como uma das principais rotas de escoamento do tráfico ilegal de animais silvestres na Bahia e em âmbito nacional.

Embora existam ações de fiscalização voltadas ao combate do tráfico de animais silvestres, essa prática criminosa já alcançou proporções alarmantes, configurando-se como a terceira atividade ilegal mais lucrativa do mundo. Diante desse cenário, torna-se imprescindível não apenas intensificar os mecanismos de fiscalização, mas também promover ações contínuas de educação ambiental, abrangendo todos os públicos, de crianças a idosos, como estratégia fundamental para a conscientização coletiva. A dependência de populações rurais brasileiras em relação à fauna silvestre, somada ao desconhecimento generalizado sobre os impactos do comércio ilegal e da perda de biodiversidade, contribui para a baixa participação popular nas iniciativas de conservação (Insauralde et al., 2010), como é afirmado por esses autores: “não se pode respeitar aquilo que não se conhece”.

Nas últimas décadas, em resposta às crises ambientais intensificadas pelas ações antrópicas, diversas instituições têm buscado incorporar a educação ambiental em seus modelos pedagógicos por meio de atividades práticas e visuais, capazes de estimular a curiosidade e o engajamento do público (Gayeski, 2011; Gonçalves-Oliveira et al., 2025). Nesse cenário, as ações voltadas à conscientização sobre os problemas ambientais têm contribuído para ampliar o interesse da população na adoção de comportamentos mais sustentáveis, reforçando a relevância do tema no contexto educacional e social contemporâneo.

De acordo com a Lei nº 9.795, de abril de 1999, a educação ambiental é compreendida como os processos por meio dos quais indivíduos e coletividades constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas à conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à qualidade de vida e à sustentabilidade (Brasil, 1999). No entanto, é fundamental que as atividades de educação ambiental não sejam conduzidas de forma desordenada ou meramente informativa, pois o excesso de conteúdos desconectados da realidade dos participantes pode dificultar sua assimilação e aplicação prática. Para que a educação ambiental (EA) produza os efeitos desejados e extrapole os limites escolares, alcançando também a família, o bairro e a cidade, é essencial que caminhe em consonância com a sensibilização ambiental. Nesse sentido, Moura et al. (2004, p. 60) destacam que:

“A sensibilização ambiental pode ser definida como um processo que envolve aspectos emocionais e afetivos, oriundos da sensibilidade humana, bem como mudanças de hábitos, valores, comportamentos

e atitudes em relação ao meio ambiente, vindos do processo educativo.”

Assim, pode-se afirmar que a sensibilização, além de ser um elemento fundamental para a conservação ambiental, desempenha uma função social ao atuar de forma crítica e reflexiva, promovendo uma mudança de mentalidade na comunidade (Souza, 2014).

O presente trabalho tem como objetivo relatar as ações de sensibilização ambiental desenvolvidas por meio da criação de uma exposição zoológica itinerante, intitulada “Tráfico de Animais Silvestres: A vida tem um preço?”. O relato é apresentado a partir da perspectiva da equipe organizadora, abrangendo desde a produção do material expositivo até a preparação e mediação das atividades durante a exposição. A aplicação prática das atividades e do material zoológico visa, principalmente, conscientizar o público sobre os impactos negativos do tráfico de animais silvestres, estimulando empatia e compaixão e promovendo uma transformação nas atitudes e valores relacionados à problemática. Além disso, o artigo busca capacitar os visitantes acerca dos danos causados pela captura, comercialização e cativeiro ilegal de fauna, incentivando a replicação de ações similares em outras regiões do Brasil, como forma de contribuir para o combate efetivo a essa prática criminosa.

Percurso Metodológico

Abordagem metodológica

O presente estudo, de natureza qualitativa, baseia-se no relato de experiência oriundo das observações diretas das ações desenvolvidas e dos depoimentos da equipe responsável pela mediação da exposição intitulada “O Tráfico de Animais Silvestres: A Vida Tem Preço?”. Por meio dessa abordagem, buscamos compreender e descrever as atividades e materiais produzidos, além de interpretar as reações do público, com o objetivo de aprofundar a análise das percepções sobre o valor e a importância da vida animal. Nesse contexto, é fundamental que, ao longo de toda a exposição, cada indivíduo perceba que, embora a natureza, em sua complexidade e diversidade, consiga sobreviver sem a intervenção humana, o ser humano, por sua vez, não sobreviverá sem a natureza e suas interconexões essenciais.

Etapas

Para a execução das atividades de sensibilização ambiental relacionadas ao tráfico de animais silvestres, foram desenvolvidas as seguintes etapas:

i) Revisão e atualização bibliográfica

Foram realizadas pesquisas bibliográficas em artigos, revistas científicas, livros e fontes online sobre temas relacionados ao tráfico de animais silvestres, educação ambiental, popularização da ciência, estratégias didáticas e aspectos técnicos na preparação de material didático zoológico. O objetivo dessa pesquisa foi orientar as atividades a serem desenvolvidas durante as exposições. Todo o conteúdo coletado foi sistematizado e compilado em um portfólio, o qual reúne informações essenciais sobre a temática abordada.

ii) Organização e Planejamento das Atividades

Para sensibilizar o público acerca do tráfico de animais silvestres, optou-se por adotar estratégias expositivas que facilitassem o diálogo entre os animais traficados e os visitantes, utilizando balões de fala (placas midiáticas) afixados em animais taxidermizados e glicerinados. Esses espécimes foram preparados artisticamente para representar as condições a que são submetidos durante a apreensão, o transporte e o tráfico ilegal. O objetivo dessa abordagem foi promover a empatia, incentivando o público a se colocar no lugar dos animais e refletir sobre o impacto do tráfico e suas consequências. Além disso, foram realizadas oficinas para a criação de material zoológico expositivo (espécimes conservados por taxidermia artística e glicerinação), lúdico (dioramas) e gráfico (banners, cartazes e placas), com o intuito de enriquecer a experiência educativa e sensibilizadora.

Nesta etapa, também foram planejados tanto os espaços formais, como escolas e universidades, quanto os ambientes não formais, incluindo praças, shoppings, eventos comunitários e centros culturais, onde as exposições seriam apresentadas.

iii) Preparo de exemplares taxidermizados e glicerinados

Os espécimes foram preparados utilizando a técnica de taxidermia artística, como apresentado por Gomes (2013). Resumidamente, a pele e os anexos do animal são conservados e montados de forma a replicar a aparência do animal vivo, com o objetivo de sensibilizar o público (Figura 1A e 1B). Nesse processo, a maior parte da musculatura e dos ossos é retirada, restando apenas o crânio, sem o encéfalo, e outras partes do animal que não podem ser removidas sem comprometer a integridade do exemplar. Durante o preparo, são respeitadas as características anatômicas do animal, preservando sua pele ao máximo. Com a pele e seus anexos, a montagem é realizada com arame, para sustentação, e algodão, para substituir a musculatura. Na etapa final, o animal é posicionado na postura desejada, e os anexos da pele são ajustados para a finalização.

Para os espécimes de répteis e anfíbios, foi utilizada a técnica de glicerinação que, segundo Ribeiro et al. (2024), se destaca por permitir a conservação de espécimes secos, preservando a coloração mais próxima ao estado vivo e proporcionando excelente maleabilidade. Essa técnica resulta em espécimes de alta qualidade para atividades de ensino e extensão, sendo aplicada conforme o protocolo avaliado por Ribeiro et al. (2024) (Figura 1C e 1D).

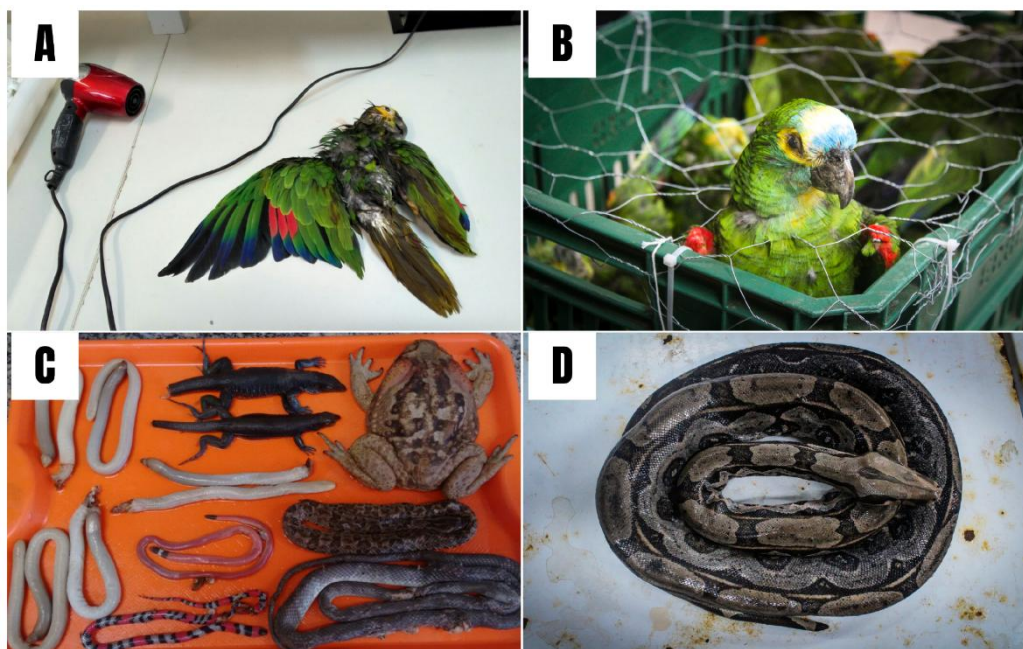


Figura 1: Imagens dos animais utilizados e seus respectivos processo de preparo para as atividades de sensibilização ambiental na exposição itinerante sobre tráfico de animais silvestres. A- Preparo da taxidermia; B- Taxidermia artística finalizada. C- Répteis e anfíbios em processo de glicerinação; D- *Boa constrictor* (Jiboia comum) glicerinada.

Fonte: Autoria própria.

iv) Produção de materiais educativos

Utilizando imagens e reportagens disponíveis na internet sobre o tráfico de animais silvestres, além dos relatos de funcionários do CETAS Vitória da Conquista, que descreveram à equipe as formas como os animais chegam ao centro, foram criadas representações que retratam o sofrimento vivenciado pelos animais ao longo de todo o processo do tráfico. Assim, os animais foram montados de forma a reproduzir o sofrimento ao qual são submetidos durante todo o processo de tráfico. Para isso, foram empregadas gaiolas, caixas, tubos de PVC e garrafas PET, criando um cenário que refletisse a realidade vivida pelos animais traficados. Além disso, foram desenvolvidos materiais de divulgação, como banners (Figura 2), cartazes e placas (Figuras 3 e 4), que

Revbea, São Paulo, V. 21, Nº 1: 471-492, 2026.

foram utilizados nas atividades de exposição e sensibilização. Todas as peças da exposição foram devidamente sinalizadas, com placas informativas sobre a origem do material e advertências para evitar o contato físico.

Banners

Foram elaborados três banners informativos sobre a Exposição “Tráfico de Animais Silvestres: A Vida Tem Preço?”, sendo cada um composto por um painel de 120x190 cm, desenvolvido no programa *CoreIDRAW®* (versão 2021). O primeiro banner incluía o título da exposição, informações sobre sua realização, parcerias e apoios, além de uma imagem de fundo de um macaco-bugio-preto (*Alouatta caraya* Humboldt, 1812) preso em uma jaula, originária do tráfico de animais silvestres na região (Figura 2A).

O segundo banner (Figura 2B), intitulado “E se fosse com você? Como você se sentiria?”, retrata as condições de apreensão e transporte dos animais, evidenciando a brutalidade dessa prática criminosa. O banner exhibe imagens de animais apreendidos em gaiolas superlotadas, aves magras e répteis imobilizados durante o transporte, acompanhadas de uma pergunta provocativa: “Você concorda com isso? Nós também não.” Também são apresentadas informações sobre como denunciar esse tipo de crime.

O terceiro banner (Figura 2C), intitulado “Tráfico de Animais”, traz três cartazes produzidos e divulgados pela Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (RENCTAS) sobre o tema, fazendo uma comparação com o tráfico de armas. O banner inclui ainda uma frase reflexiva de Chico Xavier: “Quem chuta ou maltrata um animal é alguém que não aprendeu a amar”, acompanhada de uma imagem ao fundo de uma criança segurando cinco filhotes de papagaio (autoria de Welyton Manoel).



Figura 2: Imagens dos banners utilizados para as atividades de sensibilização ambiental sobre o tráfico de animais silvestres. A- Banner de apresentação da exposição: “Tráfico de animais silvestres: A vida tem um preço?”; B- Banner “E se fosse com você? Como você se sentiria?” abordando dados sobre o tráfico de animais e suas condições de transporte. C- Banner “Tráfico de animais” trazendo cartazes publicitários do RENCTAS e uma frase de Chico Xavier afirmando que “quem chuta ou maltrata um animal é alguém que não aprendeu a amar”.

Fonte: Autoria própria em A e B; Adaptações do RENCTAS em C.

Cartazes e placas midiáticas

Foram produzidos cartazes utilizando o programa *CorelDRAW®* (versão 2021), em formato A3 (420x297 mm), e placas midiáticas com frases relacionadas ao tráfico de animais silvestres, criadas no site *Canva®*, no tamanho A4. Esses materiais visavam sensibilizar o público sobre a temática (Figuras 3 e 4). Também foram espalhadas frases pelas mesas de exposição com as seguintes mensagens: “Você concorda com isso?”, “O que eu fiz para merecer isso?”, “Socorro!!! Diga não ao tráfico de animais!!!” e “Eu não mereço ficar preso!”.



Figura 3. Cartazes e placas de comunicação visual com mensagens de sensibilização com o objetivo de provocar a reflexão do público. A- Placas midiáticas organizadas sobre as mesas da exposição, contendo frases impactantes como forma de diálogo direto com os visitantes. B - Cartaz sobre aves livres; C- Cartaz fazendo uma interrogação sobre a imagem de animais apreendidos: “Qual crime cometemos?”; D- Cartaz fazendo interrogação com a imagem de uma ave morta: “Quanto vale uma vida?”, estimulando a valorização da vida animal frente às práticas ilegais do tráfico.

Fonte: Autoria própria.



Figura 4. Placas midiáticas com frases de sensibilização sobre o tráfico de animais silvestres, utilizadas como recurso expositivo para promover a reflexão crítica do público.

Fonte: Autoria própria.

Dioramas

Para a construção dos dioramas, foram utilizados materiais apreendidos, como gaiolas, passadores e armadilhas, pelos órgãos ambientais e encaminhados ao Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) de Vitória da Conquista, Bahia, que fez a doação desses itens para o projeto. Os cadáveres dos animais silvestres utilizados na taxidermia e glicerinação eram vítimas fatais do tráfico de animais silvestres e também foram doados pelo CETAS ao Laboratório de Zoologia do Instituto Multidisciplinar em Saúde, Campus Anísio Teixeira, Universidade Federal da Bahia (UFBA/CAT/IMS), para o preparo do material com fins educativos.

Foram produzidos 11 tipos de dioramas, descritos abaixo:

1. **Aves transportadas em passadores de madeira superlotados (Figura 5A):** Inspirado em registros reais de apreensões, este diorama representa o transporte ilegal de aves silvestres, como o cardeal-do-nordeste, *Paroaria dominicana* Linnaeus, 1758, mantidas em caixas de madeira do tipo “passador”, frequentemente superlotadas. Essa espécie está entre as dez mais traficadas em todo o Brasil, entre os anos de 2005 a 2009 (Destro et al., 2012), e ocupa a terceira posição entre as que mais ingressaram nos CETAS da Bahia no período de 2009 a 2019 (Dos Santos et al., 2022). A composição visa ilustrar as condições degradantes às quais esses animais são submetidos. Para potencializar o efeito de sensibilização, foi inserido um balão de fala com a pergunta: “Por que fazem isto conosco?”.
2. **Aves em garrafas PET (Figura 5B):** Este diorama representa uma das estratégias cruéis utilizadas no tráfico de animais silvestres, na qual aves vivas são inseridas em garrafas plásticas (PET) para facilitar o transporte e a ocultação. Foi utilizado um exemplar taxidermizado de cardeal-do-nordeste, *Paroaria dominicana* Linnaeus, 1758, posicionado no interior da garrafa de forma a simular fielmente essa prática. Como recurso de sensibilização, foram adicionados balões de fala com as mensagens: “Você conseguiria respirar?” e “Dentro desta garrafa não tem água, tem sofrimento!”.
3. **Passador com crânios de aves (Figura 5C):** Este diorama utiliza crânios de aves Passeriformes para representar a elevada mortalidade decorrente do tráfico de animais silvestres. A instalação simula um passador contendo apenas restos cranianos, evocando o impacto letal dessa prática. Para intensificar a mensagem de sensibilização, foram incluídas duas placas com as frases: “De cada dez aves capturadas, apenas uma chega ao destino final”, informação retirada do relatório da RENTAS (2011), e “Este diorama não é apenas uma representação.

Ele é o eco das vidas que foram perdidas, silenciadas pela ganância humana”.

4. **Caixas plásticas com araras e papagaios (Figuras 5D e 5E):** Os dioramas apresentam exemplares de *Amazona aestiva* (Linnaeus, 1758) e *Ara ararauna* (Linnaeus, 1758) dispostos no interior de caixas plásticas do tipo hortifruti, simulando as condições precárias de transporte frequentemente utilizadas por traficantes. Os animais, representados em condições de superlotação e cobertos por tela de galinheiro, buscam promover a empatia e a reflexão crítica do público visitante. A ordem Psittaciformes, à qual pertencem essas espécies, é a segunda com maior diversidade de animais vítimas do tráfico no Brasil (Costa et al., 2018). Para reforçar a mensagem de sensibilização, foram adicionados balões de fala com os dizeres: “Salve-me!” e “Socorro!!! Diga não ao tráfico de animais!!!”.
5. **Papagaios nos canos de PVC (Figura 5F):** Este diorama ilustra uma prática recorrente utilizada por traficantes de fauna silvestre, que consiste no transporte de papagaios-verdadeiros, *Amazona aestiva* (Linnaeus, 1758), no interior de canos de PVC, com o intuito de ocultar os animais e dificultar a fiscalização. O tráfico ilegal dessa espécie é impulsionado no país pela grande discrepância entre os valores de mercado: enquanto um exemplar legalizado custa, em média, US\$ 526,30, um animal retirado da natureza pode ser adquirido por apenas US\$ 78,00 (Nassaro, 2016). A montagem visa evidenciar o sofrimento imposto aos espécimes durante esse tipo de transporte. Para provocar reflexão no público, foi inserido um balão de fala com a pergunta: “Você conseguiria se mexer?”.
6. **O lamento do pássaro-preto (Figura 5G):** Este diorama apresenta exemplares taxidermizados de pássaro-preto, *Gnorimopsar chopi* (Vieillot, 1819), acompanhados de balões de fala com os dizeres: “Se furassem seus olhos, você falaria melhor? E por que fazem isso conosco?” e “Eles furaram meus olhos para que eu cante melhor. Agora, o canto é o grito da minha dor”. A montagem busca denunciar uma prática cruel motivada por um mito popular, segundo o qual furar os olhos do pássaro-preto resultaria em vocalizações mais intensas e melodiosas. O objetivo é promover a reflexão crítica sobre o sofrimento animal decorrente dessa crença infundada.
7. **Macacos presos em jaula (Figura 5H):** Neste diorama, dois espécimes de macaco-prego, *Sapajus apella* (Linnaeus, 1758), são exibidos confinados em uma jaula, simulando o aprisionamento causado pelo tráfico de animais silvestres. A composição inclui um balão de fala com a indagação: “Qual crime cometemos?” e um cartaz com a frase: “Nem eles, nem você”. O objetivo é provocar empatia no público, levando à reflexão sobre a privação de liberdade imposta a esses animais. Espécies do gênero *Sapajus* estão entre as dez mais frequentemente

anunciadas ilegalmente para venda na internet no Brasil (Wyatt et al., 2022).

8. **Aves em gaiola superlotada (Figura 5I):** Este diorama apresenta canários-da-terra, *Sicalis flaveola* (Linnaeus, 1766), em condições de confinamento extremo, dispostos em uma gaiola superlotada, com aparência abatida e sinais de estresse. O balão de fala “Por que isso?” visa interpelar diretamente o visitante, promovendo uma reflexão ética sobre as consequências do tráfico e do aprisionamento desses animais. A espécie *Sicalis flaveola* é a que apresenta o maior número de registros de entrada nos CETAS em todo o Brasil, evidenciando sua intensa exploração pelo tráfico de fauna silvestre (Destro et al., 2012).
9. **Periquitos-da-caatinga transportados em caixa de madeira tipo faqueiro (Figura 5J):** Este diorama foi concebido a partir de um método real de transporte utilizado por traficantes, que consiste na adaptação de caixas de madeira do tipo faqueiro para acondicionar periquitos-da-caatinga, *Eupsittula cactorum* (Kuhl, 1820). As aves são comprimidas no interior dessas caixas por meio de grades de madeira, restringindo severamente seus movimentos. A cena foi ilustrada com o cartaz “Quanto vale uma vida?”, acompanhado de imagens reais que evidenciam o estado físico dos animais após o tráfico — aves magras, debilitadas e com perda significativa de plumagem, o que reforça o impacto negativo dessa prática ilegal.
10. **Jabutis caçados (Figura 5K):** Neste diorama, são expostos cascos de jabutis, *Chelonoidis carbonarius* (Spix, 1824), obtidos após a caça ilegal, com o objetivo de ilustrar as consequências fatais do tráfico de répteis. Para provocar a reflexão do público, foi incluído o balão de fala: “O que foi que fiz para merecer isto?”, destacando a injustiça e o sofrimento animal decorrente da ação humana. Espécies de jabutis são comumente relatadas em trabalhos de caça predatória e consumo ilegal de carne de animais silvestres (Parry et al., 2014; Chaves et al., 2021).
11. **Maleta da prisão (Figura 5L):** Inspirado em um mecanismo recorrente entre traficantes, este diorama reproduz uma maleta adaptada com quatro compartimentos internos de madeira (passadores), utilizados para o transporte clandestino de aves silvestres. A exposição do artefato é acompanhada da placa: “Nem sempre é o criminoso quem vai parar atrás das grades”, com o intuito de provocar reflexão crítica sobre os impactos e as vítimas do tráfico de fauna.

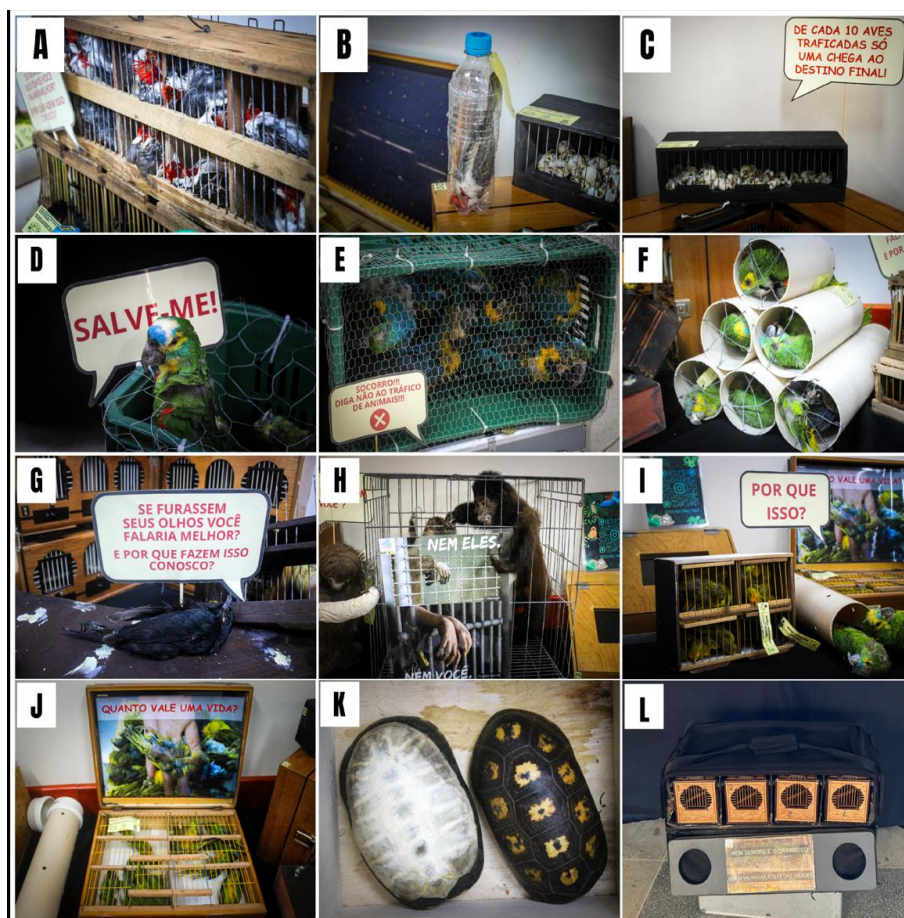


Figura 5. Dioramas dos animais taxidermizados montados retratando as condições de transporte e de comercialização para serem utilizados na exposição. A - Cardeal-do-nordeste (*Paroaria dominicana*) transportadas em caixa de madeira ; B- Cardeal-do-nordeste (*Paroaria dominicana*) em garrafa pet; C- Crânios de Passeriformes em gaiola retratando a estatística de cada 10 aves traficadas apenas 1 chega viva ao seu destino final; D - Papagaios-verdadeiros (*Amazona aestiva*); E- Araras canindé (*Ara ararauna*) transportadas em caixa Hortifruti; F- Papagaios-verdadeiros (*Amazona aestiva*) transportados em canos PVC's; G- Pássaro preto ou assum preto (*Gnorimopsar chopi*) da exposição caído com os olhos furados, o conto dos seus olhos e uma placa indagando: "Se furassem seus olhos você falaria melhor?" "E por que fazem isso conosco?"; H – Macacos pregos (*Sapajus apella*) presos em gaiolas; I- Gaiolas superlotadas de canários da terra (*Sicalis flaveola*) com a placa em evidência "Por que isso?"; J - Periquitos-da-caatinga (*Eupsittula cactorum*) transportados em caixas de madeiras com o cartaz "Quanto vale uma vida?"; K- Cascos de jabutis (*Chelonoidis carbonarius*) caçados transportados em caixas de madeiras; L- Maleta da prisão com aves presas no interior de passadores de madeira.

Fonte: Autoria própria

Painéis interativos de fotografias foram desenvolvidos a partir do acervo visual produzido durante as ações da exposição itinerante "Tráfico de animais silvestres: A vida tem preço?". Essa atividade autoral foi composta por registros fotográficos realizados pelos próprios autores ao longo das exibições em diferentes locais. As imagens foram selecionadas, nomeadas e organizadas

Revbea, São Paulo, V. 21, Nº 1: 471-492, 2026.

em painéis interativos (Figuras 6 e 7) com o objetivo de documentar e compartilhar as experiências vividas, além de ampliar o alcance da mensagem educativa. O material final foi desenvolvido utilizando a plataforma *Canva*® Create (versão 2024).

Descrição das atividades

As exposições foram realizadas em espaços formais, como escolas e universidades, e em ambientes não formais, como praças, shopping, eventos comunitários em comunidades na zona rural do município de Vitória da Conquista e centros culturais. Cerca de 1.709 pessoas foram alcançadas pelas ações do projeto, contemplando um público diverso, com idades entre 4 e 70 anos. Cada edição teve duração média de três horas, período no qual o público, composto por crianças, jovens e adultos, pôde interagir com os materiais expostos, participar das mediações e refletir sobre as mensagens propostas. Essa proposta está em consonância com outras abordagens educativas que buscam integrar as relações entre meio ambiente, fauna silvestre e saúde, partindo de uma sequência predefinida vivenciada pelo público (Suarez-Fontes et al., 2021; Gonçalves-Oliveira et al., 2025).

A exposição foi organizada em um percurso sequencial que orienta o visitante da esquerda para a direita (Figura 6A), conduzindo-o por uma experiência reflexiva e sensível. O primeiro banner apresenta o título da mostra e convida o público a refletir sobre a indagação “A vida tem preço?”, instigando desde o início uma postura crítica. Em seguida, o segundo banner traz informações sobre o tráfico de animais silvestres, incluindo dados alarmantes sobre a prática e orientações sobre como realizar denúncias de forma anônima.

A partir desse ponto, o visitante é conduzido a testemunhar, por meio dos dioramas e materiais expositivos (descritos anteriormente), os modos cruéis pelos quais os animais são capturados, transportados e, muitas vezes, mortos no processo de tráfico (Figura 6B). A disposição dos elementos visa provocar empatia e despertar a consciência sobre a gravidade da problemática.

A exposição se encerra com uma mensagem de esperança e mudança de atitude: um diorama com uma gaiola vazia e portas abertas, acompanhado do cartaz com a frase: “Gosta das aves? Não compre gaiolas e nem pássaros! Plante uma árvore que eles virão! Passeie mais e observe a natureza” (Figura 6C). Essa cena final busca oferecer ao público alternativas éticas de apreciação da fauna, promovendo a contemplação sem aprisionamento e rompendo com a lógica do tráfico de animais.

Ao longo das exposições, foi possível observar uma variedade de reações por parte dos visitantes, que incluíram entusiasmo, curiosidade, medo, tristeza e até repulsa diante das práticas retratadas. Essas manifestações emocionais revelam a complexidade das percepções do público sobre os

animais silvestres e os impactos do tráfico, evidenciando o potencial da abordagem sensível e educativa para provocar reflexão e engajamento. A diversidade de espaços e faixas etárias permitiu maior abrangência das ações de sensibilização ambiental, favorecendo o diálogo intergeracional e a construção coletiva de conhecimentos sobre o tráfico de animais silvestres.



Figura 6. Painel interativo da exposição “Tráfico de Animais Silvestres: A vida tem preço?”. A- Visão geral do stand; B- Detalhe da mesa com os animais taxidermizados nos dioramas; C- Diorama final com gaiola vazia e cartaz que estimula o plantio de árvores como alternativa para a observação de aves em liberdade.

Fonte: Autoria própria

Os balões de fala (placas midiáticas) foram estrategicamente posicionados junto aos exemplares para convidar o público à empatia, incentivando-o a se colocar no lugar dos animais retratados e refletir sobre o sofrimento imposto pelo tráfico de fauna silvestre. Durante a atividade, os responsáveis pela exposição conduziam os visitantes ao longo da mostra, complementando verbalmente as informações dispostas nos banners e reforçando a mensagem educativa.

A forma visual impactante da exposição, intensificada pela presença de exemplares taxidermizados e glicerinizados, desempenhou um papel fundamental na atração e no engajamento do público (Figura 7). Observou-se, no entanto, diferentes reações emocionais diante dos diversos grupos de animais.

Revbea, São Paulo, V. 21, Nº 1: 471-492, 2026.



Figura 7. Painel interativo da exposição itinerante: “Tráfico de Animais Silvestres: A vida tem preço?”. A- Moradora observando a exposição com o apoio da educadora; B- Educadores apresentando os maus tratos sofridos pelos animais traficados; C- Pessoas atentas a explicação dos educadores; D- Educadora apresentando o conteúdo da exposição.
Fonte: Autoria própria.

Espécies de serpentes, por exemplo, despertaram com frequência sentimentos de medo e repulsa, reflexo de construções culturais e mitos que contribuem para a percepção negativa desses animais, muitas vezes considerados pouco carismáticos (Alves et al., 2012). Por outro lado, os jabutis despertaram curiosidade e acolhimento. Muitos visitantes compartilharam relatos pessoais sobre a presença desses animais em suas vidas ou no convívio familiar. É comum a crença popular de que os jabutis possuem propriedades terapêuticas, sendo colocados sob a cama de pessoas com doenças crônicas na esperança de cura. Essa forte ligação emocional evidencia como crenças culturais podem moldar percepções sobre a fauna silvestre e servir como fator estimulante para o tráfico (Alves et al., 2012; da Silva et al., 2019).

As aves e mamíferos, por serem geralmente mais carismáticos e coloridos, atraíram grande atenção do público, especialmente das crianças. Esses animais frequentemente despertam sentimentos de encantamento e curiosidade, o que gerou inúmeras perguntas sobre suas histórias e origens

(Colléony et al., 2017; Fordahl, 2024). Questionamentos como “De onde vêm esses animais?” e “Eles foram sacrificados para estar aqui?” foram recorrentes, refletindo a preocupação ética do público em relação à exposição dos exemplares.

Além do impacto visual, a exposição também estimulou o pensamento crítico ao destacar o papel humano na conservação da fauna. Os visitantes foram confrontados com dados alarmantes sobre a captura e comercialização ilegal de animais, evidenciando como essa prática afeta tanto a biodiversidade quanto o equilíbrio dos ecossistemas. Ao proporcionar esse contato direto com a realidade do tráfico, a atividade não apenas informou sobre o assunto, mas também incentivou a reflexão crítica sobre a responsabilidade individual e coletiva na proteção da vida silvestre (Silva et al., 2021).

O fato de a exposição provocar reações diversas, da curiosidade ao desconforto, demonstra seu potencial de tocar o público de maneira subjetiva e transformadora. Como ressalta Larrosa (2002, p. 2), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, e é justamente essa capacidade de afetar que torna a dimensão sensível tão poderosa no contexto educativo. Meira (2010, p. 82) complementa ao afirmar que “através do sensível pode-se perguntar de que modo somos afetados por aquilo que interfere em nosso estilo de ser”, mostrando que tais experiências não apenas informam, mas também modificam a forma como nos relacionamos com o mundo. Assim, o uso da dimensão sensível em exposições amplia as possibilidades de compreensão e promove uma conexão mais humana e profunda com o conteúdo apresentado.

Além disso, a exposição também surge como uma ferramenta na educação não formal ao utilizar, somado ao impacto visual, o ensino por indagações. Essas metodologias promovem a participação ativa do público na construção do conhecimento, ao mesmo tempo em que permitem a aprendizagem de conteúdos de maneira contextualizada e aplicada à realidade (Roldán et al., 2017).

Um dos aspectos mais relevantes da exposição foi a sua capacidade de conectar o tráfico de animais aos impactos nos ecossistemas e ao bem-estar humano. Ao destacar a interdependência entre todas as formas de vida, a iniciativa contribuiu para a formação de uma consciência crítica sobre a relação entre o homem e a natureza, alinhando essa abordagem com a Lei 9.795/1999, que reconhece a importância da educação ambiental como um processo contínuo e transformador (Brasil, 1999).

Ao longo da exposição, também foi possível observar uma série de reações do público em relação à proximidade com o que estava sendo exposto. Inicialmente, alguns visitantes demonstraram desconforto ou hesitação em se aproximar dos exemplares, enquanto outros se mostraram curiosos e imediatamente atraídos. No entanto, à medida que os mediadores conduziam o público e contextualizavam as histórias dos animais expostos, essas reações iniciais foram progressivamente transformadas em empatia e conscientização.

Revbea, São Paulo, V. 21, Nº 1: 471-492, 2026.

Esse processo de transformação emocional destaca a eficácia das experiências imersivas na promoção de um engajamento ambiental mais profundo e na indução a mudanças comportamentais. Tal dinâmica já foi observada em outras iniciativas de educação ambiental que utilizam abordagens interativas, evidenciando o potencial dessas metodologias para gerar reflexão crítica e sensibilização.

Dessa forma, evidencia-se a importância da dimensão sensível na construção de experiências educativas mais significativas em exposições. Ao integrar espécimes reais com materiais gráficos e promover reflexões guiadas, a mostra não apenas informa, mas envolve o visitante por meio dos sentidos e das emoções, favorecendo um aprendizado mais profundo e integral. Essa abordagem está em consonância com a ideia de que “a sensibilidade seria um modo de conhecer ou, simplesmente, a faculdade de ter sensações ou de sentir, de experienciar, de conhecer, de compreender por uma espécie de instinto natural” (Santin, 1995, p. 36).

Um dos aspectos mais evidenciados na exposição foi o impacto do tráfico sobre as aves, que representam a maior parcela dos animais traficados para fins de criação doméstica (Fonseca et al., 2018). Espécimes como papagaios, periquitos e diversas aves canoras são retiradas ilegalmente da natureza para serem mantidas em cativeiro, muitas vezes em condições precárias, o que resulta em altos índices de mortalidade. A captura indiscriminada dessas aves afeta diretamente o equilíbrio ecológico, comprometendo processos naturais como a dispersão de sementes e o controle de populações de insetos. Essa realidade foi demonstrada na exposição por meio de exemplares taxidermizados e imagens que retratavam o confinamento cruel ao qual esses animais são submetidos, despertando forte reação no público.

Durante a exposição, fazemos referência também à história do pássaro-preto, também popularmente conhecido como Assum Preto, associada a uma prática cruel em que criadores perfuravam os olhos do pássaro para intensificar seu canto. Essa violência tornou-se metáfora para a dor e a privação, sendo abordada em canções como *Assum Preto*, de Luiz Gonzaga, e na versão de Rubel, que denuncia a exploração da fauna silvestre. Além da música, a simbologia do pássaro também aparece na performance de Marco Motta, representando vivências marcadas pela violência. Durante a exposição, esse relato revelou-se um elemento significativo no processo de sensibilização do público, despertando forte comoção e intensificando a reflexão sobre a necessidade da preservação da fauna silvestre e do combate a práticas cruéis contra os animais (Figura 5G) (Grupo Assum Preto, 2016).

Considerações finais

A exposição “Tráfico de animais silvestres: A vida tem um preço?” demonstra o potencial das exposições itinerantes como ferramentas eficazes

para promover a educação ambiental. Alicerçada na ludicidade e embasada na educação do sensível, essa estratégia pedagógica mostrou-se extremamente potente como promotora da sensibilização ambiental para a temática tão importante que é o tráfico de animais silvestres. É crucial que atividades como estas sejam frequentes, abordando também informações sobre os animais com a comunidade, de modo a desmistificar e aproximar as pessoas dos animais, pois a população só conserva aquilo que conhece. Dessa maneira, ao aproximar as pessoas da realidade dos animais silvestres e das consequências do tráfico, essas iniciativas contribuem para a construção de uma sociedade mais consciente e comprometida com a proteção da natureza. É fundamental que ações como essa sejam incentivadas e replicadas, pois elas representam um passo importante na direção de um futuro mais sustentável.

Agradecimentos

Agradecemos à equipe do Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) de Vitória da Conquista pelo apoio, através de informações sobre os animais traficados, seus maus-tratos e pela doação dos materiais e espécimes de animais que vieram a óbito vítimas do tráfico para serem utilizados nesta atividade; à Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (RENCTAS) pelo envio de material gráfico utilizado nos cartazes; aos membros do programa de extensão *Zoologia para Todos: Articulando e Divulgando Saberes Zoológicos* do IMS/CAT/UFBA; ao graduando João Victor Novaes Lima e aos graduados Guilherme de Matos Ferraz e Geferson Teixeira Pereira pelo apoio na produção dos materiais e nas exposições; a João Pedro Rocha Sousa pelas fotografias; à Pró-Reitoria de Extensão – PROEXT da Universidade Federal da Bahia pelo apoio financeiro através do Programa de Apoio à Extensão – PAEX (2023/2024) e ao Programa da Instituição de Bolsas de Iniciação à Extensão Universitária (PIBIEX) da Universidade Federal da Bahia pelas bolsas concedidas.

Referências

ALVES, R. R. N., VIEIRA, K. S., SANTANA, G. G., VIEIRA, W. L. S., ALMEIDA, W. O., SOUTO, W. M. S., ... & PEZZUTI, J. C. B. A review on human attitudes towards reptiles in Brazil. **Environmental monitoring and assessment**, v. 184, n. 6877-6, 2012.

BRASIL. **Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 13 fev. 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm. Acesso em: 19 set. 2024.

Revbea, São Paulo, V. 21, Nº 1: 471-492, 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 28 abr. 1999. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 28 nov. 2024.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima.** Biodiversidade e Biomas. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas>. Acesso em: 28 abr. 2025.

CHARITY, S.; FERREIRA, J. M. Tráfico de fauna silvestre no Brasil. Tradução e revisão: MORETTI, R.; CHARITY, S.; FERREIRA, J. M. Cambridge, Reino Unido: **TRAFFIC International**, 2020. ISBN 978-1-911646-23-5. Disponível em: https://www.traffic.org/site/assets/files/13031/iwt_wildlife_trafficking_in_brazil_p_ortuguese_july_2022-xs.pdf. Acesso em: 19 set. 2024.

CHAVES, W.A.; VALLE, D. R.; MONROE, M. C.; WILKIE, D. S.; SIEVING, K. E.; SADOWSKY, B.; BRUSCH, G. A.; MINTER, M.; MOREIRA, J. B. Impacts of rural to urban migration, urbanization, and generational change on consumption of wild animals in the Amazon. **Conservation Biology**, v. 35, n. 4, p. 1186–1197, 2021.

COLLÉONY, A.; CLAYTON, S.; COUVET, D.; SAINT JALME, M.; PRÉVOT, A. C. Human preferences for species conservation: Animal charisma trumps endangered status. **Biological conservation**, v. 206, p. 263-269, 2017.

COSTA, F. J. V.; FERNANDES-FERREIRA, H.; LIMA, L. P. M.; ALVES, R. R. N. Espécies de aves traficadas no Brasil: uma meta-análise com ênfase nas espécies ameaçadas. **Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 7, n. 2, p. 324–346, 2018.

DA SILVA P. B. I.; BORGES, A. K. M., DE FARIA L. S.; DIAS, T. L. P.; ALVES, R. R. N. Environmental influence on the choice of medicinal animals: a case study from northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 15, p. 1-10, 2019.

DESTRO, G. F. G.; MOTA, C. G.; PINHEIRO, L. T.; SILVA, A. A.; ALVES, R. R. N. **Efforts to combat wild animals trafficking in Brazil.** In: Lameed, G.A. (Ed.). Biodiversity Enrichment in a Diverse World. IntechOpen, 2012.

DOS SANTOS, M. C.; CARVALHO, J. A.; BARROS, S. S.; SANTOS, R. J.; OLIVEIRA, R. S.; SILVA, J. P. Levantamento de avifauna alojada nos Centros de Triagem de Animais Silvestres no estado da Bahia, período 2009 a 2019, com ênfase no tráfico. **Ciência Rural**, v. 52, n. 7, e20210348, 2022.

FONSECA, A. R.; MENEZES, C.C.; GOMIDES, C.E.; SANTOS, D.S. Aves em liberdade: solte essa ideia!: relato de ações extensionistas voltadas para a preservação ambiental. **Revista Em Extensão, Uberlândia**, v. 17, n. 1, p. 243–260, 2018. DOI: 10.14393/REE-v17n12018-rel11. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/41104>. Acesso em: 20 mar. 2025.

FORDAHL, C. Beyond animal charisma: A sociological approach to charismatic species. **Conservation and Society**, v. 22, n.1, p. 14-24, 2024.

GAYESKY, L. M.; MULLER, A.; DE BARROS, M.P.; SCHMITT, J.L. Conservação da biodiversidade – A experiência das exposições itinerantes. **Revista Conhecimento Online**, v. 1, p. 13–21, 2011. DOI: 10.25112/rco.v1i0.157. Disponível em:

<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/157>. Acesso em: 19 set. 2024.

GOMES, I.D. **Taxidermia e educação ambiental: uma proposta sul catarinense para a conservação da biodiversidade**. Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em Biologia (Diversidade e Manejo de Vida Silvestre) da Universidade do Vale do rio dos Sinos. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2013.

GONÇALVES-OLIVEIRA, J.; GUIMARÃES, V. C.; LEITE, I. L.; DIOTAIUTI, L.; CASTRO, L. V.; SANTOS, C. B.; GALVÃO, C.; COURA, J. R.; WILSON, M. E.; ROCHA, E.; MOREIRA, D. R. Empowering communities through One Health and ArtScience: An innovative approach to combat Chagas disease in endemic areas of Minas Gerais, Brazil. **Public Health Challenges**, v. 4, n. 1, p. e165, 2025.

GRUPO ASSUM PRETO. **A triste história do Assum preto**. Grupo Assum Preto, 21 jun. 2016. Disponível em: <https://grupoassumpreto.blogspot.com/2016/06/a-triste-historia-do-assum-preto.html>. Acesso em: 25 mar. 2025.

INSAUDALDE, A. L. S.; FELIZ, G. D. N. **O tráfico de animais e suas consequências**. In: *Anais...*, Porto Alegre: AGB, 2010. ISBN 978-85-99907-02-3. Disponível em: https://www.academia.edu/download/52009879/o_trafico_de_animais_e_suas_consequencias.PDF. Acesso em: 19 set. 2024.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002.

MEIRA, L. Educação, arte e sensibilidade: desafios contemporâneos. In: FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, J. C. (org.). **Arte na educação escolar**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 75–91.

MOURA, A. C. O. S. Sensibilização: diferentes olhares na busca de significados. 2004. 60 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2004. Apud: SILVA, F. S.; SANTOS, S. D. F.; TERÁN, A. F. O Jardim Zoológico do CIGS: um espaço estratégico para despertar a sensibilização ambiental. **REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, v. 7, n. 2, p. 280–292, 2019. DOI: 10.26571/REAMEC.a2019.v7.n2.p280-292.i8724. Disponível em:

Revbea, São Paulo, V. 21, Nº 1: 471-492, 2026.

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/8724>.

Acesso em: 28 nov. 2024.

NASSARO, M. R. F. Polícia Militar Ambiental do Estado de São Paulo—Chefe da Divisão de Operações Policiais da Polícia Militar Ambiental do Estado de São Paulo, Brazil. **Dummy Cover**, n. 245, 2016.

PARRY, L.; BARLOW, J.; PEREIRA, H. Wildlife harvest and consumption in Amazonia's urbanized wilderness. **Conservation Letters**, v. 7, n.6, p. 565-574. 2014.

RENTAS (Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres). **1º Relatório Nacional sobre o Tráfico de Fauna Silvestre**. Brasília: RENTAS, 2011. Disponível em: https://www.rentas.org.br/wp-content/uploads/2014/02/REL_RENTAS_pt_final.pdf. Acesso em: 19 set. 2024.

RIBEIRO, J. G. R.; SILVA, M. B.; FRAGA, R. E.; ROCHA, A. A.; NISHIYAMA, P. B.; ANJOS, M. S.; BUCHAIM, J. J. S.; ROCHA, M. A. Glycerination as an alternative technique for preserving Vertebrata (Osteichthyes and Reptilia): a proposal for teaching purposes. **Acta Scientiarum: Biological Sciences**, v. 46, 2024. DOI: 10.4025/actasciobiolsci.v46i1.71746. ISSN 1679-9283. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciBiolSci/article/view/71746>. Acesso em: 28 nov. 2024.

ROLDÁN, A. I.; GUTIÉRREZ, A.; CARRILLO, F.; CÁRDENAS, M.; LÓPEZ, C. Comparación entre recorridos guiados tradicionales y recorridos guiados indagatorios en el Museo Nacional de Historia Natural, La Paz-Bolivia. **Revista Eureka sobre Enseñanza y Divulgación de las Ciencias**, v. 14, n. 2, p. 367–384, 2017. Disponível em: <https://revistas.uca.es/index.php/eureka/article/view/3370>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SANTIN, S.G. **Educação estética: arte e formação humana**. 2. ed. 1995

SANTOS, M. C.; LIMA, M. S.; ALMEIDA, P. M.; SILVA, R. A.; COSTA, M. B.; PEREIRA, T. L.; NOGUEIRA, D. R. Quantitative study of wild animals received at the Wild Animals Triage Centers (CETAS) in Bahia and identification of trafficking routes. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 41, p. e06942, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pvb/a/K3VvJPhQbYjQBD5y3RXdH5Q/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SILVA, M. V. F.; OLIVEIRA, J. R. A.; COSTA, M. L.; SOUZA, L. P.; ARAÚJO, G. R. Relato de experiência na exposição itinerante “Diversidade dos Vertebrados” na II Semana do Conhecimento em Venda Nova do Imigrante. **Anais da Semana de Biologia da UFES de Vitória**, v. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sebivix/article/view/34701>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SOUZA, M. C. C. Educação ambiental e as trilhas: contextos para a sensibilização ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**

Revbea, São Paulo, V. 21, Nº 1: 471-492, 2026.

(RevBEA), v. 9, n. 2, p. 239–253, 2014. DOI: 10.34024/revbea.2014.v9.1807. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/334188918 Educacao Ambiental e as trilhas contextos para a sensibilizacao ambiental](https://www.researchgate.net/publication/334188918_Educacao_Ambiental_e_as_trilhas_contextos_para_a_sensibilizacao_ambiental). Acesso em: 28 nov. 2024.

SUAREZ-FONTES, A. M.; ALMEIDA-SILVA, J.; DOS SANTOS SILVA, S. C.; DE SOUZA, L. S. A.; DE SOUZA, D. B.; DE ARAÚJO LIMA, C. S. F.; VANNIER-SANTOS, M. A. Microbe/Bug-Busters Visit the Interactive House: An Itinerant Scenographic Device for Health Education. **Open Journal of Animal Sciences**, v. 11, n. 2, p. 333-353, 2021.

WYATT, T.; SOLLUND, R.; FARIA, W. R. T. A.; NURSE, A.; RUNHOVDE, S. R. Wildlife trafficking via social media in Brazil. **Biological Conservation**, v. 265, n. 109420, 2022.